

O TEATRO EM CAMPINAS

Do velho "São Carlos" ao Municipal — Sucessos das boas companhias — Temporadas memoráveis — Fracasso dos mediocres — Amadorismo — Empresários

Texto de José de Castro Mendes

O Teatro Municipal "Carlos Gomes", atualmente em fase de reformas internas que já se arrastam por alguns meses, está vivendo alguma noite de grande movimento e animação, acolhendo público numerosíssimo para os espetáculos que o empresário Fernando Catani vem promovendo com escolhidos conjuntos artísticos, cujas atuações na capital bandeirante tem sido das mais brilhantes.

Para muita gente, essa afluência de espectadores constitui uma verdadeira surpresa, notadamente aos que propalam ser a nossa terra o Cemitério de companhias.

Tal afirmativa entretanto fácil de destruir, circula apenas entre os que desconhecem completamente o que tem sido o movimento artístico na cidade onde nasceu o maior genio musical das Americas.

Como acontece mesmo nos grandes centros e nas capitais, nem todos os artistas e companhias que aqui se apresentaram fizeram o esperado sucesso, menos por culpa do público, do que pela sua própria mediocridade.

Ainda recentemente, uma folha carioca estampava oportuníssima crônica de Artur Torres muito a propósito deste assunto, e da qual reproduzimos os seguintes tópicos:

Quando estive como diretor substituto da Biblioteca Nacional um de meus primeiros cuidados foi o de mandar lavar a amurada do vistoso edifício da avenida Rio Branco, que naquela ocasião apresentava desagradável aspecto, toda coberta de cartazes e de dizeres de propaganda.

No dia seguinte, porém, ao descer as escadarias do edifício, dei com um grupo de artistas de teatro, a borrarem de novo as paredes, laterais com os dizeres: Vamos ao Teatro!

Confesso que não pude conter o meu aborrecimento. Aproximei-me do grupo e cusse-lhe: — "Com esse tipo de propaganda, os senhores estão prejudicando mais o teatro do que a nossa Biblioteca, que ontem tomou um banho geral!"

Um deles, procurando justificar o que não tem justificção, responde-me:

— "Coopere conosco diretor emprestando-nos as suas paredes. Do contrário... o teatro vai desaparecer!"

Todos riram com a gracinha, menos eu, que lhe retruquei:

— "Se querem platéias, façam bom teatro. Abandonem essas peças grosseiras, eivadas de termos soeses e de gíria de mau gosto. Lembrem-se de que teatro é espetáculo para os olhos e para o espirito. Escolham bons enredos, bons artistas, limpem os teatros, que estão bem sujos, e evitem a mistura de pesosas, decentemente trajadas

com esses indivíduos que só sabem andar em mangas de camisa como se estivessem num jôgo do Maracanã."

O bom teatro e os artistas de real merito, inegavelmente em Campinas sempre encontraram o melhor acolhimento. Desde os meados do século passado que a chamada Capital Agrícola da Província estava incluída na rota obrigatória das grandes companhias vindas ao país, chegando mesmo pelo entusiasmo dispensado a elas, a ser conhecida como a Terra da Arte!

NO VELHO TEATRO "SAO CARLOS"

A primeira temporada lirica conhecida pelos campineiros em 1875 registrou invulgar sucesso com vinte e duas recitas, sendo varias operas reprisadas a pedidos do público que durante três meses, todas as noites enchia o velho Teatro São Carlos.

Nesse mesmo ano, outras temporadas de sucessos memoráveis foram realizadas pelas companhias Des Bouffes Parisiens em novembro, seguindo-se a Companhia Lirica Jorge Miranda, em dezembro.

Três temporadas liricas no mesmo ano, para uma cidade que contava apenas com 22 mil habitantes!

Em 1893, ainda sentindo os terríveis efeitos das epidemias de Febre Amarela, Campinas recebia a Companhia Lirica Ferrari com 60 professores de orquestra, e o maior conjunto de cantores vindos ao país, apresentando a "Favorita" e "Falstaff", dois acontecimentos que



Henrique José Pereira, o saudoso empresário que durante varios anos movimentou o Teatro Municipal com uma brilhante série de apresentações artísticas

ficaram registrados com letras de ouro na historia da cidade".

As companhias de zarzuelas, (revistas espanholas) fizeram furor, como as de Jorge Aragon em 1876, e de Josefa Garcia em 1877, e a grande companhia emprezada por Santana Gomes e Miguel Diez, que aqui permaneceu mais de seis meses, sendo que os principais artistas especialmente contratados na Espanha aqui ficaram residindo.

Para os atores dramáticos, ecoavam os melhores aplausos vitoriano notabilidades como Joaquim Augusto pai, o celebre Ernesto Rossi, Furtado Coelho,

Eduardo Brazão, o incomparável Giovanni Emmanuel, Giacinta Pezzana, a mulher que interpretava o Hamlet, e a celebre entre as mais celebres Sarah Bernhardt, representando em francês a sua famosa criação: "A Dama das Camélias", ao preço fabuloso para época de duzentos mil reis o camarote!

As revistas então em grande moda e apreciadissimas pelos campineiros, revesavam-se no Rink e no São Carlos, apresentadas pelas Companhias Dias Braga que realizou de 40 espetáculos, a Souza Bastos, encenando peças como "O Periquito" com 150 personagens, e outras aplaudidas novidades do seu repertório.

Seria fastidioso enumerarmos todos os grandes acontecimentos e sucessos artísticos registrados no tradicional teatro campineiro.

Construído em 1850, com algumas paralisações para reformas, a primeira casa de arte que tivemos, funcionou até 1922 quando foi demolida, cedendo lugar ao moderno Municipal.

E já neste século, quantos outros artistas notáveis não pisaram a sua ribalta atraindo o público em temporadas longas onde o entusiasmo não arrefecia. Muitos são os que ainda se recordam com saudades das companhias de Clara Weiss a rainha da opereta, Fatima Miris a maior transformista do mundo, Adelina e Aura Abranches, Chabi Pinheiro e Alves da Cunha, glorias da cena portuguesa, Nina Sanzi recebida com honrarias, Italia Fausta e "Ré misteriosa", e outras eminentes

figuras da cena internacional, levaram as melhores recordações da gente campineira.

AMADORISMO TEATRAL

Não poderíamos esquecer o papel relevante que o amadorismo local sempre desempenhou mantendo viva a chama do entusiasmo publico pelas belas coisas do espirito.

Inaugurado por amadores, o Teatro São Carlos durante a sua longa existencia, serviu de reduto para a mocidade idealista que nas suas horas de folga entregava-se ao culto da arte cênica.

Em 1869, fundava-se a Companhia dramatica campineira que por mais de um ano trabalhou seguidamente, apresentando todas as noites uma nova peça, comédias e dramas, estes, muitas vezes de caráter histórico e montados com guarda roupa e cenários do estilo.

Logo em seguida, surgiram a Boemia Dramática e Atletas do Futuro, duas agremiações de notavel atividade, a se exibirem periodicamente e animadas pelos aplausos de público.

Um dos maiores empreendimentos levados a efeito pelos amadores campineiro, foi a famosa "Pastoral" de Coelho Neto, representada a 25 de dezembro de 1903 num ambiente de verdadeiro esplendor marcando um acontecimento que repercutiu até na Europa, e notadamente em Portugal.

Realizações dignas de registro foram: "O Demônio Familiar" apresentada no Teatro Rink pelo grupo cênico do Clube Semanal de Cultura Artística, e a ópera "Aida", de Verdi, cantada por elementos campineiros e também encenado no Rink.

No Externato São João, movimentavam-se os moços em seguidas representações dirigidas por d João Batista Correia Neri, Benedito Otavio e Amilar Alves.

Novos grupos, foram surgindo posteriormente notabilizando-se pelas suas realizações. O G.A. R.D., Gremio Artístico Bandelrantes" Comedia Beneficente e gremios de estudantes que nos apresentaram magnificas edições de escolhidas peças como "Yalá Boneca", "Vendedor de ilusões", "Deus lhe pague", "Aventuras de Scapino" e dezenas de peças que atraíram para o Municipal multidões de apreciadores do teatro.

TEATRO MUNICIPAL

Data de 1930 a inauguração do Teatro Municipal que substituiu o velho "São Carlos".

Ao saudoso empresário Henrique José Pereira deve-se a movimentação da nova casa de espetáculos, cujas portas abriu ao grande público com iniciativas que ofereceram aos campineiros



A atual fachada do Teatro Municipal

oportunidades de assistir o que havia de melhor no setor dos divertimentos.

Suas atividades tiveram início com a apresentação da Companhia Miramar, conjunto modesto mas homogêneo que agrediu sob todos os aspectos realizando uma temporada de quasi três meses mais de 50 espetáculos em duas sessões e vesperais com lotações esgotadas.

Outro empreendimento de vulto realizado pelo mesmo empresário foi a vinda da Grande Companhia de Operetas Franca Boni que estreou em 1938, levando a efeito 29 recitas.

Em seguida, por seu intermédio, tivemos a presença de Emma Grammatica primeira dama da cena peninsular, O Teatro de Roma, Dulcina, com várias noites representando "Chuva", e grande sucesso de Conchita Moraes, "As árvores morrem de pé".

Memoráveis temporadas foram também as do ilusionista

mediano passaram pela cena do nosso teatro, sempre com sucessos, desmentindo mais uma vez o propalado "cemiterio de companhias".

Portanto, o que se verifica agora no Municipal, não constitui mesmo nenhuma novidade. O empresário Fernando Catani tem a experiência necessária, compreendendo o gosto apurado do público campineiro vem selecionando suas apresentações, com grande sucesso.

E acertará em cheio continuando dessa maneira.

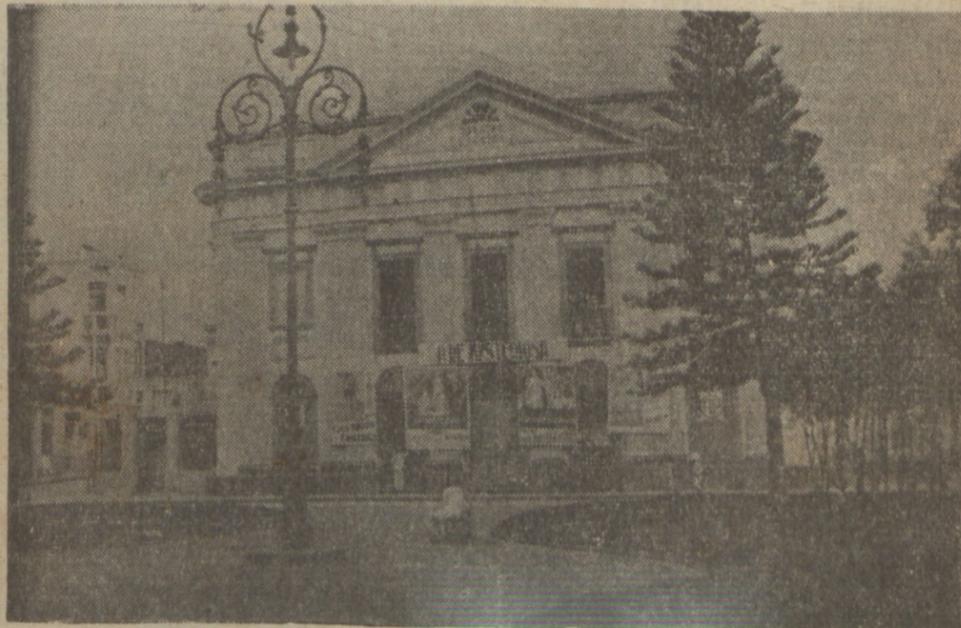
Venham pois os artistas de verdade, e as boas companhias que o público dirá: presente!

NÃO DEIXE PARA AMANHÃ...

Aprenda INGLÊS com a

Profa. LUCIE VEELINGS

Edifício General Osório - 6.º andar - Sala 63
Rua Dr. Quirino, 1.319 (399 4-12)



Teatro São Carlos a primeira casa de arte construída em Campinas

ASPIRADOR DE PÓ

Lider

Rua Regente Feijó, 1041